

PROJETO EPA: UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES
SARITA ETERNA LOPES CASARIM; NATÁLIA SALVATO CODÓ; LARISSA
DE OLIVEIRA FRANCO; (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”- Campus Rio Claro).

Co-autor: PROFA. DRA. CÉLIA ROSSI (Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”- Campus Rio Claro).

Propomos neste trabalho relatar como acontece a formação de professores em um projeto de educação não-formal, Projeto EPA: “Educação, Periferia e Arte”, sob coordenação da Profa. Dra. Célia Rossi, Departamento de Educação – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Rio Claro. Neste projeto atuam graduandos da universidade de diferentes cursos do campus.

O Projeto EPA, Educação, Periferia e Arte, teve início em 2006, localizado em um bairro periférico da cidade de Rio Claro, Jardim Novo Wenzel, recebe crianças deste e do bairro ao lado, Bom Sucesso, atendendo uma média de cinquenta crianças divididas em dois períodos, manhã e tarde, com faixa etária entre seis e doze anos.

As atividades do projeto acontecem de terças às quintas-feiras, os participantes do projeto o freqüentam em horário diferente da escola. O Projeto EPA busca proporcionar às crianças participantes um ambiente diferente do ensino formal, investindo em atividades lúdicas com princípios democráticos valorizando o diálogo e visando a construção do respeito mútuo e da interação. O Projeto EPA não tem sede própria, as atividades ocorrem em um prédio de ação social da Igreja Luterana, o prédio tem um amplo espaço para as atividades coletivas e salas para atividades em grupos menores, a coordenação do espaço também oferece o lanche para os participantes.

O projeto conta com o patrocínio do Laboratório São Lucas¹, Igreja Luterana² e PROEX³. Os estagiários que atuam no projeto são graduandos da UNESP – Rio Claro de diferentes cursos, geografia, pedagogia e biologia. No total são sete estagiários responsáveis pelas oficinas e atividades, divididas por áreas de conhecimento ligadas à arte: Teatro, envolvendo musicalização, expressão, linguagens em geral, capoeira, meio ambiente e artes visuais. O projeto conta também com a coordenação pedagógica de uma graduanda em Pedagogia pela universidade.

As atividades e oficinas são baseadas em três grandes eixos temáticos: linguagem, sexualidade e meio ambiente. O projeto olha a linguagem como forma de expressão: teatro, música, artes visuais, linguagem escrita. Já a sexualidade envolve as relações individuais e sociais: respeito consigo mesmo e com o próximo, autonomia, relações de gêneros e diversidade sexual, meio ambiente, e suas possíveis relações, isto é, a natureza em geral, o lugar onde vivem, o mundo que habitam, etc.

O bairro onde o projeto está inserido sofre com a falta de estrutura necessária para os moradores, apenas parte do bairro é asfaltada, em dias de chuva a lama toma conta do ambiente e fica difícil a locomoção dos moradores. A maioria das casas não são terminadas, muitas não tem acabamento como reboque, pisos e azulejos. O atendimento à saúde dos moradores é insuficiente, o posto de saúde funciona até às 16h e não faz atendimentos emergenciais. O bairro não possui áreas de lazer, os moradores não tem espaço para diversão, há no bairro muitos terrenos abandonados inutilizados onde o mato e o entulho tomaram conta do espaço.

Os projetos que ali existem, acabam sendo a única alternativa para que as crianças ocupem seu tempo de forma enriquecedora, crítica e atuante, para possibilidades novas dentro do bairro, sendo assim, os pais trabalham despreocupados. Muitos moradores ganham a vida de maneira ilícita através de tráfico de drogas e furtos. No bairro há poucos pontos de comércio, sendo a maioria pequenas vendas e bares.

Em pesquisas com os participantes do projeto constatamos que as maiores das famílias vieram de outras regiões do país como Minas Gerais e regiões do nordeste, e tomaram posse da terra, onde construíram de forma inadequada suas moradias, sem a infra-estrutura necessária, como rede de esgoto, asfalto, praças, calçadas, etc.

Como já mencionado o trabalho realizado no Projeto EPA conta com a atuação conjunta de estagiários graduandos em licenciaturas de diferentes cursos da UNESP, campus de Rio Claro. Para muitos estagiários foi através da atuação no projeto que se deram os primeiros contatos como educador. Na e pela prática cotidiana no contato com a realidade do projeto, com as crianças participantes e nas experiências vividas os educadores passam por um processo de construção do que seja um professor.

Todas as semanas os estagiários se reúnem para discutir o

planejamento das atividades e dialogar sobre os principais acontecimentos da semana, este é o espaço para a troca de experiências e construção coletiva. As reuniões são dirigidas pela coordenadora pedagógica, também estagiária da universidade.

Conforme relato de uma das graduanda de Pedagogia, estagiária como coordenadora pedagógica do Projeto EPA sobre a importância das reuniões pedagógicas: “Durante as reuniões que acontecem semanalmente buscamos refletir em grupo sobre nossas dificuldades, buscamos pensar em caminhos que possam nos ajudar a resolver os problemas que enfrentamos durante a realização das oficinas e situações que ocorreram nas quais não sabemos como agir da melhor maneira. As reuniões vêm sendo um espaço de construção coletiva através da reflexão de nossa prática e troca de experiências, o que certamente enriquece nossa formação teórica e prática. Vejo a reunião como um espaço nosso, de troca e construção coletiva, junto às crianças. Muitos problemas que enfrentamos no projeto foram selecionados após a discussão em grupo.”

Este trabalho de reflexão é apontado por Nóvoa⁴ (1992):

E uma parte importante da pessoa é o professor. Urge por isso (re) encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida. A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.”

A forma como o trabalho no Projeto EPA é organizado atualmente, em oficinas divididas por áreas, elaborada após várias discussões sobre a forma como as atividades vinham sendo desenvolvidas e construída com as crianças no cotidiano das relações. De acordo com a coordenadora o grupo passou por uma dificuldade em relação à organização das atividades: “Sentíamos dificuldades em definir nossos objetivos com as atividades e o progresso de nosso trabalho. As crianças refletiam esta nossa insegurança através do comportamento extremamente inquieto e impaciente. Sentimos que precisávamos repensar nossa prática e buscar outra forma de nos organizarmos e relacionarmos com elas. No trabalho no ensino não formal temos uma maior liberdade para reelaborarmos nossa prática e pensar em

novos meios de atingir nossos objetivos. Todas nossas ações são tomadas visando melhorias para os participantes do projeto.”

Atualmente o projeto se divide em áreas e cada dia há uma área diferente a ser trabalhada. O trabalho tem início com uma roda de conversa onde tudo o que vai acontecer no dia é discutido com as crianças, todos tem o direito de falar e ajudar na organização da programação. Algumas questões são votadas durante a roda de conversa, a democracia é valorizada durante a tomada de decisões. As crianças são divididas em grupos de trabalho, a divisão é feita por sorteio, cada dia um grupo é responsável por uma tarefa, as tarefas são: Organização das salas de aula, organização do banheiro, ajuda aos monitores com as atividades, organização do salão principal, lanche (fazer o suco, distribuir o lanche e lavar as canecas).

A idéia de criar os grupos de trabalho partiu das dificuldades em relação a manter a organização do espaço, com a divisão do trabalho as crianças sentiram-se mais responsáveis por manter a ordem para o melhor andamento das atividades.

Outra estagiária do projeto, graduanda em pedagogia há três meses relata como foi seu ingresso no projeto e como este vem sendo um meio de exercitar e refletir sobre sua formação:

“O cotidiano vivenciado neste projeto ocorre com a realização de oficinas, como já mencionado. A organização das atividades fica de acordo com a oficina que realiza, na sua área de conhecimento. Cada oficina procura conteúdos e atividades para serem realizadas e organizadas em um plano de aula, que são discutidas em reunião conjunta antes e após sua realização.

Trabalhar cada um na sua área específica é muito rico para a formação dessas crianças, pois elas podem ter contato com áreas que não tem acesso, como artes, teatro, capoeira, etc. Cada um utiliza dos seus conhecimentos e formação para contribuir com a aprendizagem dos alunos. Porém, também encontramos alguns empecilhos, visto que as oficinas são separadas. (podemos escrever algo mais)

Logo que entrei no projeto percebi certa desordem por parte tanto das crianças como principalmente dos estagiários. Como era um momento de troca de estagiários e os novos ainda estavam se estabilizando e pegando o

ritmo, a desordem ficou muito visível e era meio que impossível realizar qualquer tipo de atividade. Houve situações constrangedoras cujas não soubemos como proceder e percebemos que alguma coisa deveria ser feita. Assim, depois de algumas experiências desastrosas e muitas conversas entre os estagiários, decidimos organizar melhor nossa rotina: horários, oficinas, responsáveis por cada área.

Percebemos que a forma como o tempo era distribuído e organizado não estava indo ao nosso favor, e assim, não conseguíamos realizar atividades. Organizamos o horário, com divisões para banheiro, lanche, água, atividades e brincadeiras. Fizemos também grupos de ajudantes, que todos os dias são trocados de acordo com as tarefas. Com esses grupos podemos fazer com que as crianças participem da organização do espaço e das atividades e dêem valor ao local que estão e as atividades que são realizadas, o que também pertencem a eles.

Com essa organização a mudança foi visível e hoje conseguimos realizar as atividades com êxito e colaboração de todos. É claro que sempre é preciso rever os direitos e deveres de cada um, mas tudo sempre através de um diálogo, em uma roda de conversa na qual todos colocam suas opiniões e visões.

Sempre temos algo preparado e organizado de acordo com a oficina e o tempo disponível, mas temos que levar em consideração o cotidiano e as experiências destas crianças, além do lugar onde estão inseridas e a cultura que carregam consigo. Sendo assim, muitas vezes é necessário fazer uma adaptação ao conteúdo trabalhado, de acordo com o interesse destes alunos. Um exemplo disto foi a necessidade de trabalhar com a higiene (tanto pessoal, quanto do ambiente), devido aos acontecimentos que vinham ocorrendo no projeto. Todos os estagiários adequaram suas atividades ao tema e com cada eixo, pudemos trabalhar um mesmo tema de várias maneiras. Após esta atividade, as relações foram melhorando e fomos aos poucos alcançando nossos objetivos.

Estas experiências são muito ricas em relação a nossa formação como professores, pois podemos ter uma vivência em um ambiente escolar (mesmo sendo não-formal) e nos adaptarmos com os esquemas presentes ali. Como somos os responsáveis pelas oficinas, aprendemos muito sobre como montar plano de aula, dar atividades, lidarmos com as dificuldades, atividades propostas que não temos êxito, enfim, nos deparamos com as

várias barreiras que um professor encontra para educar”.

Já outra graduanda em pedagogia e estagiária do projeto, relata como o trabalho no ensino não formal contribui para sua formação:

“A minha experiência no EPA teve início em março de 2009. É preciso relatar que nunca havia trabalhado com a educação não-formal antes. Foi com surpresa que percebi o quanto difícil é trabalhar com crianças e adolescentes da periferia. É notável que por eles estarem acostumados com as regras e os deveres da escola, quando se realiza algo diferente destas atividades formais, eles ficam bastante agitados.

Minha relação com as crianças é de grande afetividade, visto que eles são carinhosos e querem de todas as maneiras a nossa atenção. São crianças que possuem diferentes tipos de problemas familiares e vivem em uma realidade social diferente da nossa.

A nossa função na educação não-formal é mediar possíveis maneiras de agir com o outro, para que se tornem cidadãos ativos e críticos na sociedade, abrindo janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Atuamos também no campo da emoção e do sentimento, é um processo permanente.

Cabe salientar que é o nosso dever como educadores ajudar na construção da identidade coletiva do grupo. Ensinando e aprendendo com as e pelas crianças a trabalharem em conjunto, desenvolvendo a solidariedade e a identificação de interesses comuns. É de extrema importância que resgatemos o sentimento de valorização de si próprio, ou seja, precisamos dar condições às crianças para que se desenvolva sentimentos de auto-valorização e desconstrução dos preconceitos que lhes são ensinados e que eles vivem dia-a-dia no bairro e fora dele.

A metodologia utilizada para este projeto é a participativa, dentro de uma perspectiva qualitativa de construção do processo de aprendizagem partindo da cultura das crianças e do grupo que se apresenta, culturas diferentes, olhares diferentes, saberes também diferentes.”

É de suma importância atentar para o nosso papel nesse processo, o papel de educadores, mediadores, facilitadores e etc. Esses instrumentos são fundamentais no processo de ensino e aprendizagem. São permeados de visões de mundo, ideologias, propostas, conhecimentos acumulados contribuindo para o desenvolvimento do grupo e da criança que ali faz parte.

A educação não-formal deve contribuir para abrir olhares, possibilitar a discussão, desassossegar os graduandos, multiplicar este movimento e trazer o debate da desigualdade social, para mais próximo do nosso olhar e escuta. Além de se tornar um instrumento eficaz no processo de construção da democracia, da cidadania, da justiça social, garantindo assim a inclusão social e a dignidade humana.

Considerações preliminares:

Estar em um ambiente de educação não-formal contribui muito para a formação dos estagiários como professores, pois todos os dias há a necessidade de lidar com as diferenças, incertezas, acertos e as muitas dificuldades encontradas ao longo da rotina, coisas bem comuns e presentes em um ambiente escolar, mas também em um ambiente de educação não formal. Isto pode proporcionar momentos ricos de aprendizado e aprimoramento dos conhecimentos aprendidos na teoria e possibilidade de relacioná-los com a prática, vivendo assim a práxis, tão desejada e tão sonhada por autores, livros, congressistas, e nossos professores da universidade.

As reuniões, os diálogos, as “prosas”, os textos que amparam o cotidiano dentro do projeto, auxiliam na construção do planejamento das atividades e auto-avaliação dos resultados.

Segundo uma estagiária graduanda em Pedagogia: “O trabalho no projeto proporciona um ambiente diferenciado do formal nos ajuda a encarar as diferenças e dificuldades, pois lidamos com crianças de várias faixas etárias, de diferentes níveis de aprendizagem e que estão inseridas em um bairro periférico sem muitos benefícios e auxílios. Isto vem a ser um empecilho, mas também um diferencial, pois aprendemos muito com a cultura e costumes que eles trazem, tão diferente da nossa, mas tão rica como a nossa. Vivenciar um projeto como este está sendo fundamental e um grande diferencial para a nossa formação.”

Notas:

-
- I) O Laboratório de análises clínicas São Lucas financia quatro bolsas para estágio no Projeto EPA, contando com a bolsa da coordenadora pedagógica.
 - II) A Igreja Luterana sede o espaço para as atividades do projeto no prédio da Igreja construído para atividades do Projeto Alvo, um projeto da Igreja Luterana de Rio Claro.
 - III) Atualmente o Projeto EPA conta com três estagiárias vinculadas à PROEX recebendo bolsas para o trabalho no projeto.
 - IV) NÓVOA, A. Notas sobre formação (contínua) de professores. São Paulo, 1994. [Conferência pronunciada na Faculdade de Educação da USP]